

RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO AMBIENTE ESCOLAR

Interpersonal relationship in school environment

Elaine Aparecida Silva¹

RESUMO: Este artigo teve como motivação discutir como as relações interpessoais influenciam nas relações de trabalho vivenciadas no ambiente escolar e como objetivo analisar os aspectos que podem favorecer um ambiente de trabalho no qual prevaleçam relações interpessoais mais humanas e justas, privilegiando o respeito à diversidade sócio-cultural de todos os envolvidos no processo educacional que se relacionam direta ou indiretamente com o aluno. Para tanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica com estudiosos da área e procuramos estabelecer as relações entre os aspectos definidores de uma prática pedagógica voltada para a formação integral do educando e a contribuição das diferentes pessoas do ambiente escolar nesse processo. Assim, foi possível identificar, apesar do pouco material encontrado para a fundamentação da pesquisa, que o sucesso escolar está diretamente relacionado ao clima existente no ambiente escolar, ou seja: depende muito das relações interpessoais de todos os envolvidos com a prática educativa.

UNITERMOS: Relações Interpessoais. Ambiente Escolar. Qualidade na Educação.

ABSTRACT: This article had as motivation to argue the way interpersonal relationship influence in the lived deeply relations of work in school environment, having as objective to analyze the aspects that can help a work environment in which human and fair interpersonal relationship indirectly take advantage privileging the respect to the sociocultural diversity of all the who is involved whit the educational process and direct or indirect deals with students. For in such a way we carry through a bibliographical research related with this area and we look for establish relations between the defining aspects of a practical pedagogical that come back toward the integral formation of educating and the contribution of the different people of school environment in this process. Thus, it was possible, to identify, although little material one found for the recital of the research, that school success is directly related to the existing climate in school environment, that depends on the interpersonal relations of all the involved ones with practical the educative one.

KEYWORDS: Interpersonal relations. School environment. Quality in the Education.

Minha prática profissional como agente de serviços gerais em escola municipal e, também, as experiências vivenciadas na disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica (PPP) do curso de Pedagogia me fizeram perceber que muitos dos problemas vivenciados pela comunidade escolar dizem respeito às relações interpessoais no ambiente de trabalho.

As relações de trabalho são influenciadas constantemente pelas relações interpessoais. Com base na minha experiência e observações feitas como estagiária do curso de Pedagogia concomitantemente ao exercício do meu trabalho em escola pública, presenciei ações com as

¹ Aluna do curso de Pedagogia da Faculdade Católica de Uberlândia; cursista do Programa de Formação Continuada para Docentes do Ensino Básico (Universidade Federal de Uberlândia) - Eixo 1: Linguagens e Culturas.

quais não concordava e atitudes inadequadas de profissionais em relação ao aluno e em relação aos outros profissionais colegas de trabalho. Quando me refiro aos profissionais da escola, incluo: professores, coordenadores, educadores infantis, diretores, secretárias, oficiais administrativos, agentes de serviços gerais.

Como funcionária, observava as ações docentes e tinha receio de intervir, por ter pouco conhecimento e compreensão de erros e acertos nas atitudes. Frases como: “você fica brincando na piscina, vai para shopping e não faz as tarefas, agora vão ficar todas aqui sentadas e fazer o para casa”. Esta frase foi dita por um docente a um grupo, no qual havia uma criança que quase todos os funcionários sabiam que às vezes não tinha o que comer em casa, porém as outras três tinham um poder aquisitivo para o qual provavelmente aquela frase teria sentido, mas e para a outra? Ela não fazia diferença. Outro caso que me chamou a atenção foi ao encontrar uma criança completamente descontrolada no corredor com o caderno na mão, ela mal conseguia contar o motivo do seu choro incontrolável. Ao indagá-la porque chorava, ela falou em soluções: “minha professora apagou, apagou, apagou todo meu dever de casa e falou que estava tudo errado”, enquanto falava, imitava a ação da professora com movimentos bruscos ao simular a forma que a professora apagou a tal tarefa. Houve muitos outros incidentes que me causaram perplexidade quanto ao despreparo do professor em relação ao aluno, mas não cabe relatá-los neste momento, pois meu interesse volta-se para a necessidade de analisar a importância dos funcionários de uma instituição escolar estar preparados no que diz respeito às especificidades das relações que ocorrem no interior do ambiente escolar.

Ao desempenhar a função de agente de serviços gerais, sempre tive dificuldade em decidir qual a melhor maneira de intervir com os alunos. O recreio, na maioria das escolas, é um problema e, apesar do cargo não fazer parte do magistério, são os funcionários técnicos administrativos que ficam encarregados de orientar esses alunos em um dos momentos mais complicados para se manter uma certa “ordem”. São muitos alunos juntos, de salas diferentes, sem controle, dispostos a “aproveitar” aqueles minutinhos. Sem referência eles acabam vendo estes profissionais como pessoas sem importância que estão como “guardas” para evitar acidentes. E é assim que a maioria destes profissionais se sente, “guardião” dos alunos até que o horário termine e vão todos para suas salas.

Neste contexto, presenciei frases como: “Eh menina! Só podia ser você mesmo batendo nela, por isso que você vai continuar sendo menina de rua, você não sabe viver no meio das pessoas”. Esta minha colega de trabalho, ao falar isso, não percebeu a marca que estava deixando naquela menina que já tinha sido excluída da sociedade e vê isso reforçado dentro da escola. Fico me perguntando: esta exclusão, a culpa era de quem? Da sociedade, da escola, da funcionária? Bem, o que posso analisar é que não foi culpa da funcionária. Sei que esta também é resultado das influências do contexto social do qual faz parte e, assim, ela manifestou-se da forma como achou que deveria para proteger a menina “tão bonitinha” que apanhou da outra que vivia na rua e estava suja. Sua reação não foi adequada naquela situação por falta de consciência de aspectos sociais mais amplos. Assim, pelo seu modo de ver sua atitude estava certa, pois estava protegendo a que tinha apanhado, cumprindo assim sua função de “guardiã”. Essa é uma situação semelhante a muitas outras que ocorre no dia-a-dia das escolas, motivo que reforçou em mim o interesse em aprofundar o tema relações interpessoais no ambiente escolar.

Os auxiliares de creches, no caso da Prefeitura Municipal de Uberlândia, agora são educadores infantis e, na maioria das vezes, não conseguem entender as ações do professor que desvalorizam completamente o trabalho que fazem dentro da sala. Mesmo quando os educadores têm conhecimento científico, dificilmente podem discutir com o professor estratégias para melhorar o trabalho, pois a função deles é trabalhar o lúdico, sendo o pedagógico, função da professora. A criança não consegue perceber essa distinção e realmente ela não existe. Trabalhar o lúdico e o pedagógico separadamente indica falta de conhecimento da relação mútua entre ambos.

Enquanto estagiária, tive oportunidade de desenvolver o projeto: “Um Jeito Novo de se Comunicar na Escola”, cujo objetivo principal era trabalhar as relações interpessoais com um instrumento diferente. Assim, pela montagem de um jornal informativo conseguimos estabelecer novas formas de comunicação. Pela reestruturação do quadro de aniversariantes pudemos dar destaque a todos da escola, utilizando para isso a estratégia de expor as fotos dos funcionários para facilitar a identificação. O projeto mobilizou os funcionários e, de certa forma, estreitou as relações entre eles.

No final do projeto, pode-se analisar que para amenizar os atritos existentes nas relações interpessoais é preciso que haja uma gestão democrática embasada em políticas públicas que garantam o reconhecimento dos profissionais que atuam na Educação, como parte de um todo na construção de um ambiente adequado para o educando.

A aprendizagem é a principal função social da escola, para a qual o professor em sala de aula é de suma importância. Porém, não podemos ignorar que acontecem várias ações educativas nos diversos ambientes da escola, onde o educando não convive só com seus professores e, para que haja um ambiente educativo e formador, é necessário que todos participem direta ou indiretamente, influenciando no desenvolvimento da criança. Assim, podemos afirmar que existem muitos outros atores que ficam por trás das cortinas e que fazem toda diferença para que o espetáculo seja aplaudido de pé.

Na Educação, para que haja transformações significativas, é preciso que os profissionais da comunidade escolar estejam em sintonia, visando um desenvolvimento articulado do trabalho o trabalho. Este aspecto tem como base as proposições elaboradas pela comissão internacional sobre educação para o século XXI, que culminou com o relatório para a UNESCO. Nele, Deloris (1999) apresenta os quatro pilares da educação, sendo que um deles se refere ao Aprender a Ser. Atendendo a esse aspecto a escola precisa ter um ambiente propício para desenvolvimento da Omnidimensionalidade do ser, pois, se o ambiente escolar for agradável, o aluno possivelmente poderá reproduzi-lo fora da escola, mas, se este ambiente for desagradável e conflituoso, ele também poderá agir de forma inadequada, reproduzindo as ações que observou.

De acordo com Pimenta (2002), “Para enfrentar os desafios das situações de ensino, o profissional da educação precisa de competência do conhecimento, de sensibilidade ética e de consciência política”. Se os alunos precisam ter a capacidade de estabelecer relações interpessoais e é sabido que 80% da sua aprendizagem se dá pela observação, é crucial que as relações interpessoais dos funcionários dentro da escola estejam estabelecidas de forma harmônica.

Nos conflitos existentes dentro da escola acontece um agravante: o desenvolvimento da gestão escolar, que pode contribuir para diminuir estes abismos entre os profissionais ou pode acentuar e até mesmo propiciar um ambiente em que ele se agrave.

O local em que se realiza a educação sistematizada precisa ser o ambiente mais propício possível à prática da democracia. Por isso, na realização da educação escolar, a coerência entre meios e fins exige que tanto a estrutura didática quanto a organização do trabalho no interior da escola estejam dispostas de modo a favorecer relações democráticas. Esses são requisitos importantes para que uma gestão escolar, pautada em princípios de cooperação humana e solidariedade possam concorrer tanto para ética quanto para a liberdade, componentes imprescindíveis de uma educação de qualidade (PARO, 2001).

Sendo assim, tenho como objetivo desenvolver neste artigo os aspectos que podem favorecer um ambiente de trabalho no qual prevaleçam relações interpessoais mais humanas e justas, privilegiando o respeito à diversidade sociocultural de todos os envolvidos no processo educacional que se relacionam diretamente com o aluno.

Este tema é tão importante no contexto atual que o próprio MEC organizou um programa com as ações voltadas para a valorização dos trabalhadores da educação, incluindo nessa categoria gestores e funcionários, ou seja, docentes e não-docentes.

O foco das ações baseia-se em uma concepção de educação cidadã em favor de um ambiente de aprendizagens, em que os modelos pedagógicos padronizados e excludentes dão lugar a espaços de colaboração e interatividade considerando todos os integrantes da escola peças fundamentais para a realização ampla do processo educativo para a formação global do indivíduo.

Com isso, conseqüentemente, os próprios funcionários terão a consciência da influência que seus atos exercem sobre os alunos, colaborando no processo de ensino e aprendizagem e, assim, terão também condições de discernir qual a melhor maneira de agir e se comprometer em prol da qualidade da educação.

Para que haja qualidade social da educação, um dos eixos principais no momento é a inclusão na Educação de quem está dentro da escola. As transformações constantes da sociedade exigem que a escola tenha um olhar amplo e adequado às novas mudanças, por isso,

mais do que ser instruída por professores, a população precisa ser educada por educadores, compreendendo-se que todos os que têm presença permanente no ambiente escolar, em contato com os estudantes, são educadores, independentemente da função que exerçam (BRASIL, 2006).

Este é um dos princípios que o MEC assumiu como base para o Programa de Formação Continuada dos Funcionários de qualquer instituição, para que o trabalho transcorra de modo a garantir maior produtividade e alcance dos objetivos.

Quanto aos profissionais do magistério existe toda uma política que proporciona uma formação continuada aos mesmos, no entanto, os outros funcionários que trabalham na escola além de não terem formação inicial também não participam de programas de formação continuada específicos na área da educação. Dessa forma, agem empiricamente nas relações com os alunos e não são contemplados com as políticas de formação.

No nível municipal, depende da consciência do prefeito qualificar ou não, pois a maioria pensa que os assuntos referentes ao desenvolvimento do aluno não têm relevância para os funcionários administrativos e sua função não interfere na aprendizagem, no entanto, a qualificação dos funcionários não-docentes propiciará, ao sistema de ensino, colaboradores da educação comprometidos com a qualidade do ambiente escolar e, conseqüentemente, com a qualidade na Educação.

O Brasil precisa que toda a sociedade, incluindo os políticos, assumam suas responsabilidades na construção de uma nação capaz de acompanhar a evolução mundial. Assim, é imprescindível que a educação brasileira além de ser para todos e gratuita tenha qualidade de ensino.

Nações nos quatro cantos do mundo dependem muito mais uma das outras; redes científicas e tecnologias avançadíssimas propiciam velocidade na condução e na comunicação, mas também põem em risco a sua identidade, tornando urgente distinguir o global do particular, para preservar a cultura que nos faz cidadãos e países singulares, mas capazes de convivência solidária.

A nova economia faz emergir potências, mas ainda lutamos contra o desemprego, as drogas, a violência, um enovelado de dados e fatos que assimilamos em tempo real, tudo isso é globalização.

A escola é uma instituição social estratégica para a formação do cidadão crítico, participativo e consciente de suas ações, perfil adequado para que ele consiga se adequar à sociedade atual. Assim, como no Plano Nacional de Educação (2002) “a educação escolar não se reduz à sala de aula e se viabiliza pela ação articulada entre todos os agentes educativos – docentes, técnicos, funcionários administrativos e de apoio que atuam na escola”. A escola é uma extensão da família e o pátio e uma extensão da sala. Os conflitos nas relações interpessoais refletem o contexto e são veículos de manifestações do currículo oculto no ambiente escolar.

O mundo contemporâneo modificou progressivamente as antigas formas de convivência humana e esse novo interesse pode refletir uma crescente dificuldade no domínio das relações interpessoais, pois cada vez que enfrenta a realidade autêntica de sua vida, o Homem contemporâneo sente, imediatamente, a sua solidão. Porém, cabe destacar que, apesar da importância, há poucos estudos desse tema e sua relação com o espaço escolar.

Uma das razões para a pequena ênfase no estudo das relações interpessoais deve ser procurada em nossa dificuldade para coordenar o conhecimento existente a respeito. O homem foi feito para viver com seus semelhantes. Quando nossa atividade se restringe às relações com outras pessoas, diminuem as oportunidades de fazer coisas e lidar com coisas. Por isso, alguns dos mais notáveis filósofos da educação procuram meios de dar novamente essas oportunidades aos educandos. Será suficiente lembrar as teorias de John Dewey (1902) e Herbert Read (1958) para

compreender como a educação moderna procura reintegrar a criança no mundo da ação direta e atividade motora. É absurdo, evidentemente, negar ou diminuir a significação dessas teorias educacionais, pois, segundo tudo indica, apreenderam algumas das necessidades fundamentais da criança, as quais a vida moderna já não pode satisfazer diretamente, isto é fora da escola.

Nessa perspectiva, fica evidente a necessidade de conhecermos melhor o papel das relações interpessoais hoje e isto se justifica por algumas razões. Em primeiro lugar, a nossa ideologia modificou as formas de relação existentes entre indivíduos: é cada vez menos comum julgar as pessoas como sendo coisas - tal como ocorria no caso extremo do escravo - ou apenas como representantes de um papel - como ocorria, no caso também extremo, do nobre ou do senhor -, e passamos a julgar os outros pelo que são, isto é, como indivíduos, como humanos. De outro lado, nossa vida passa a depender, cada vez mais, de relações interpessoais, e se torna cada vez menos dependente de uma relação direta com a natureza, tal como ocorria com o agricultor tradicional, pois o agricultor atual também se integra no sistema contemporâneo de produção e de relação com os outros.

Até certo ponto, é realmente notável a capacidade infantil para aprender as relações humanas, mesmo as aparentemente sutis e menos explícitas, o que denota ser quase impossível ensinar relações interpessoais, pois a criança se vale de conhecimentos espontaneamente adquiridos, ou de intuições que os mais argutos psicólogos não conseguiram desvendar ou sistematizar. Com um pouco de exagero, seria possível dizer que ensinar relações interpessoais seria o mesmo que ensinar alguém a respirar. Na verdade, o mundo de tais relações é o nosso ambiente natural, quase tão natural quanto o ar que respiramos. Por isso mesmo, na grande maioria dos casos, os especialistas não fizeram mais que explicitar alguns dos princípios que governam algumas das relações interpessoais.

Apesar de tais dificuldades – decorrentes de nossa sabedoria implícita a respeito de relações diretas entre indivíduos, e da imprecisão de grande parte das teorias de psicólogos e sociólogos contemporâneos – a educação não pode deixar de lado a tentativa de preparar o indivíduo para esse aspecto de sua vida. E isto, como afirma Marcelle:

porque em primeiro lugar, no mundo em que vivemos o homem já não ganha o pão com o suor, mas com a simpatia do seu rosto. O operário é aceito pelos colegas e pelo contramestre não apenas pela sua capacidade de trabalho, mas, sobretudo, pela sua habilidade na aceitação e manutenção de relações harmoniosas no grupo. O político triunfa, não tanto pela sua inteligência ou fidelidade ideológica, como pela sua capacidade de sorrir ou enfurecer-se nos momentos adequados (MARCELLE, 2008).

Também, na escola, encontramos, de maneira bem explícita, a significação do universo das relações interpessoais. O professor vence ou é derrotado na profissão não apenas pelo seu ser maior ou menor, mas principalmente pela sua capacidade de lidar com os alunos e ser aceito por eles; a criança é feliz ou infeliz na medida em que foi aceita pelos colegas e consiga se entender com eles.

Embora nas escolas existam inúmeros problemas a serem analisados, dois podem ser isolados, cuja importância e amplitude superam as dos outros: a educação como processo de formação, tendo por base as relações interpessoais; a educação como processo de preparação para relações interpessoais. Mesmo sendo distintos, os dois problemas são inter-relacionados. O primeiro diz respeito ao entendimento da importância das relações interpessoais satisfatórias para a educação individual; o segundo procura explicitar as relações interpessoais a fim de que o educando possa estar preparado para enfrentá-las satisfatoriamente.

Dessa forma, ambos nos fazem ver que a nossa formação como indivíduo depende de relações interpessoais, e que o educador precisa conhecer a sua significação para o educando e, por outro lado, o educador, também, deve saber que grande parte de nossa vida decorre num universo de relações interpessoais que e as grandes dificuldades de ajustamento se explicam como resultado de um despreparo para viver com os outros.

No contexto do trabalho escolar, como afirma Libaneo (2004), “é que os professores enfrentam e resolvem problemas, elaboram e modificam procedimentos, criam e recriam estratégias de trabalho e, com isso, vão promovendo mudanças pessoais e profissionais”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na pesquisa realizada e em nossa experiência profissional, identificamos que a alternativa de crescimento, tanto pessoal quanto intelectual do docente, abrange perspectivas individuais, quando se justificam pelo posicionamento do próprio “eu”, visando ao bem coletivo; e coletivas, quando se justificam, mais especificamente, pelos índices de colaboração e interação entre os profissionais da classe e sua flexibilidade em partilhar experiências, sentimentos, fraquezas, habilidades e competências que favoreçam ao corpo escolar, propriamente dito.

Lembrando Fernando Pessoa, “há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já têm a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares.” Mas, como afirma Morin (2000), “se cabe ao educador educar num momento em que a escola precisa de mudanças, quem educará o educador?”. Nesse sentido, considerando como Freitas (2005), que “a função social da escola se cumpre na medida da garantia do acesso aos bens culturais, fundamentais para o exercício da cidadania plena no mundo contemporâneo”, e que o professor, no exercício de sua prática, para estar preparado para garantir uma formação satisfatória ao educando, diante da sociedade da qual participa, necessita atualizar seus estudos, ou seja, revisitar as teorias da sua formação, como alicerce de sua prática pedagógica.

Nesse sentido, entra em cena a questão da formação contínua do professor, porque a profissão docente é uma profissão em construção, nascendo, então, a autoridade da sua reflexão sócio-histórica como ponto a favorecer a compreensão da situação atual dos desenvolvimentos pedagógicos. Para este mesmo autor, a profissionalização dos professores depende hoje, em grande medida da sua capacidade de construir um corpo de saber que garanta a sua autonomia perante o Estado, não no sentido da conquista da soberania na sala de aula, mas, antes, no sentido

da criação de novas culturas profissionais de colaboração.

Sendo assim, a formação continuada do professor apodera-se de uma definição ímpar no que diz respeito à condição para a aprendizagem permanente e para o desenvolvimento pessoal, cultural e profissional de professores e especialistas. Porém, esse processo deve ter por pressupostos a concepção de que, para o século XXI, a educação deve considerar as necessidades de formação de homens e mulheres capazes de exercer seu papel na sociedade voltado para a efetivação de ideais de humanidade, solidariedade e justiça. Nessa perspectiva, acreditamos, como afirma Pimenta (2002), que “para enfrentar os desafios das situações de ensino, o profissional da educação precisa de competência do conhecimento, de sensibilidade ética e de consciência política”.

Como Edgar Morin (2000), também acreditamos ser preciso sustentar os Quatro Pilares da Educação num processo holístico, tendo como objetivo a formação integral do educando e não a fragmentação de mesma. Para isso, é imprescindível que o ambiente escolar seja adequado e o ensino voltado para a interdisciplinaridade, pois a sua fragmentação dificulta a assimilação do conhecimento e, com certeza, influencia nas relações interpessoais que, no ambiente escolar, precisam estar equilibradas para propiciar ao aluno o desenvolvimento de forma integral. Neste processo, é fundamental a participação de todos: pais, professores, especialistas, direção, e, também, os funcionários da escola precisam estar incluídos para colaborarem, desfragmentando as relações e sentindo-se Funcionários da Educação e responsáveis pelo seu sucesso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Conselho escolar e valorização dos trabalhadores em educação**. Brasília, DF, 2006

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 2. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001. 102p.

DELORS, Jacques. **Os quatro pilares da educação**: educação um tesouro a descobrir. Brasília: Cortes, MEC/ Unesco, 1999.

FREITAS, Lourival C. de. **Mudanças e inovações na educação**. 2 ed. São Paulo: EDICON, 2005.

LIBANEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. 5. ed. Goiânia: Alternativa, 2004.

MARCELLE, Carolina. Educação e relações interpessoais. **Revista Gestão Universitária**. n.162, junho, 2008.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

PARO, Vitor Henrique. **Escritos sobre educação**. São Paulo: Xamã, 2001. 144p.

PIMENTA, Selma Garrido. **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. Campinas: Cortez, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 156p.